

A PRINCESA ISABEL EM PERNAMBUCO

Louranço Luiz Lacombe
Historiador

Neste ano, quando transcorre o 90º aniversário da assinatura da Lei Aurea, é oportuno lembrar a figura da magnânima Princesa e as três visitas que fez a Pernambuco. Essas estadas foram de passagem para a Europa — duas delas — e uma na sua volta. Não que só fossem essas as únicas passagens pelo Recife, mas só delas existe documentação. Foi a primeira em 1865, logo depois do casamento em 15 de outubro do ano anterior, em companhia do marido, o Conde d'Eu, na viagem que faziam à Europa, para conhecer os parentes, dela distanciados por todo um oceano.

Era a primeira vez que deixava D. Isabel o Rio e seus arredores. Tudo, pois, era novidade e encantamento, principalmente para quem viajava ainda em lua-de-mel. Com o auxílio da magnífica coleção documental carinhosamente conservada pelo Príncipe D. Pedro no seu solar de Petrópolis, onde se encontra a correspondência dos seus ilustres antepassados, e guiados pela erudição do acadêmico Mauro Mota, Diretor do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, e do historiador José Antônio Gonsalves de Melo, Presidente do Instituto Arqueológico, pode-se recompor as estadas dos Condes d'Eu em Pernambuco.

Embarcaram em 10 de janeiro de 1865 no vapor inglês *Madalena*, que logo içou no seu mastro o pavilhão brasileiro juntamente com o britânico, si-

tuação desfeita, a pedido do Conde d'Eu, ao abandonar o navio as águas brasileiras, em vista das precárias relações entre os dois países, ainda não resolvida a Questão Christie.

Mas então — é o caso de perguntar-se — por que foi escolhido um vapor inglês?

Acompanhavam o casal o Barão e a Baronesa de Lajes como camaristas, o médico da Imperial Câmara, Dr. Luís da Cunha Feijó, futuro Visconde de Santa Isabel, e o diplomata Miguel Maria Lisboa, futuro Barão de Japurá. As despedidas calorosas da família e dos amigos, juntavam os Condes d'Eu os corações oprimidos das saudades da pátria e as preocupações da guerra que acabava de ser declarada pelo Paraguai, ainda não totalmente resolvida a questão com Aguirre.

Saíram do Rio, tocaram na Bahia e em Pernambuco, enviando a Princesa notícias aos Pais numa assídua e minuciosa correspondência.

Chegaram ao Recife no dia 16, ao pôr do sol. "A chegada em Pernambuco foi linda!", exclama D. Isabel — "A cidade do Recife, assim como a de Olinda, estavam muito bonitas ao sol que punha-se". São as primeiras impressões.

Mal fundeu o navio foram a bordo as autoridades da terra — à frente o Presidente da Província, João Silveira de Sousa, que deixaria o governo poucos dias depois, e o velho Marquês de Olinda — buscar o casal, hospedando-o no Palácio do Governo, o qual modernizado e ampliado ainda se conserva, no mesmo local, aliás, em que Maurício de Nassau ergueu a sua residência. Mas o desembarque teve seu tom pitoresco: o Recife, como de resto as cidades marítimas brasileiras, não tinha porto. O vapor lançava ferros ao longe e os passageiros, sacudidos pelas vagas trasladavam-se à terra de maneira primitiva.

"Descemos do navio de balde" comenta a Princesa. "Foi muito cômodo a descida, porém faz sempre uma certa impressão de ver-se pendurada nos ares numa tina". — "O mar", prossegue, estranhando o balanço das ondas, "disseram-me que estava muito calmo. Mas *muito calmo* para desembarcar em Pernambuco".

Do Paço da Presidência deslocaram-se os Príncipes a pé até a Matriz de Santo Antônio, próxima ao Palácio, "no meio dos vivos, dos empurrões e da poeira". Tão brasileiro! Mas essas demonstrações deixaram bem a im-

pressão do carinho com que eram recebidos. "Gostamos muito do passeio a pé à Matriz", comenta D. Isabel "e do passeio de carro", feito logo a seguir, para conhecerem a capital, apreciando "os rios no meio da cidade". Viram ainda o Hospital D. Pedro II, inaugurado no bairro dos Coelhos, na Boa Vista, "que é um belo edifício". Depois os Fortes do Buraco e do Brum. Mas no atordoamento das visitas a essas fortalezas, cenários de episódios marcantes da invasão holandesa, apela, aflita, a Princesa, em carta ao Imperador: "Papai faça o favor de me dizer o que se passou durante a guerra dos holandeses" nesses fortes — "que não pude lembrar outro dia". A informação, que não veio, serviria, pelo menos, para a erudição, na volta. . . "Recife parece-me muito bonito" acrescenta. "Agora vamos receber visitas. Adeus". E antes de encerrar a carta comunica: "Amanhã iremos a Olinda, antes de embarcar-nos".

A carta seguinte é de 22, escrita de bordo do *Madalena*, já em pleno oceano:

[. . .] "no outro dia, com efeito, fomos a Olinda", confirma, de onde apreciaram "uma vista para o lado do Recife" embora houvesse neblina. De lá chamaram a atenção dos Príncipes para "a fosforescência do mar" — notada, principalmente, a noite. "Parece, por vezes, vagalumes".

E nova maratona de visitas — "à Sé, que está em construção; à Misericórdia, onde vimos o lugar onde está o túmulo de João Fernandes Vieira" e, adiante, visitaram por fora, a casa onde morreu o herói. Cabe aqui uns comentários às informações da Princesa: a Sé de Olinda estaria em reparos, não em construção, pois que esta data da época colonial, e supunha-se, nessa época, encontrar-se aí o túmulo de João Fernandes Vieira. A seguir, o velho Mosteiro de São Bento e a Igreja de Santa Teresa, dos Padres Teresios, no caminho do Recife a Olinda, a qual se diz ter sido fundada pela mulher de João Fernandes Vieira. Era a lição viva da História, aprendida com o Pai, que lhe falava sempre dos personagens como se os tivesse conhecido e com os quais ela tomava contato pela primeira vez. Encantava-se: "É muito interessante visitar os lugares por onde estiveram seus conhecidos amigos", brincava ela.

O final da viagem é descrito numa longa carta, espécie de diário, onde, ao lado das datas, vai a Princesa deixando suas descrições e opiniões. Assim, depois de uma estada de seis meses na Europa, voltaram os Príncipes pelo vapor *Estremadura*, que tomaram em Lisboa, no cais de Belém, avisando Fernando de Noronha a 12 de julho. A vista da terra brasileira muito comoveu D. Isabel: "Como tudo pareceu-me alegre e o céu transparente e azul!".

A 13 toca o navio em Pernambuco, onde chega às 5h da tarde. "Infelizmente o dia não estava tão bonito como quando partimos para a Europa". E também porque "deste lado Pernambuco não é tão bonito como do outro" lamenta ela. Mas uma surpresa lhe estava reservada: "Ninguém nos esperava" — comenta. "O ministro tinha mandado a carta de Mamãe pelo pacote francês, que chega ao Rio em agosto. Nada estava preparado". Explica que a família do Presidente da Província, Antônio Borges Leal Castelo Branco, "dorme só em redes; não havia uma só cama. . . Por fim tudo arranjou-se". Mas só foram jantar às 9 horas, varados de fome, tendo almoçado às 10h! Foram, enquanto isso, passear pelas proximidades — à Matriz, depois ao Teatro Santa Isabel, "que é muito bonitinho e onde deram o *Fantasma Branco*, do Macedo, que muito me divertiu" informa a Princesa.

No dia seguinte foram visitar a Universidade [sic] "que felizmente mudará de local".

Embarcaram às 9 da manhã, passando pela Bahia, antes de chegarem ao Rio.

A terceira visita, bem mais breve que a primeira, foi em 1870, logo depois de terminada a guerra do Paraguai, quando o Conde d'Eu, no seu final, comandara em chefe o Exército Brasileiro.

Era uma espécie de viagem de recreio que faziam à Europa, tocando, como da vez anterior, mas muito rapidamente, na Bahia e em Pernambuco.

Embarcaram no *Douro*, a 23 de agosto, ainda acompanhados dos mesmos prestimosos camaristas: Barão e a Baronesa de Lajes e o Dr. Feijó e esposa.

Desta vez, além das cartas, longas e noticiosas, escreveu a Princesa um "Jornal de nossa viagem à Europa em 1870 e 1871" dirigido "A Papai", com anotações e adendos do punho do Conde d'Eu — e cujos cadernos ia enviando parceladamente pelo correio.

A 28, às 6 horas da manhã, informa D. Isabel, estava o vapor em frente ao Recife e logo "*O Moleque*, todo embandeirado, e vários outros vaporesinhos, trazendo a bordo muita gente, vieram ao nosso encontro". Pôde então notar o progresso, pois já não desembarcou *em tina*, como da vez anterior: "Pouco antes das 8 veio a galeota para nos levar à terra". Mas apesar da novidade, lamentou a Princesa: "O porto de Pernambuco — escreve no seu Diário — cada vez está pior". E explica: "Parece que de um ano para cá dimi-

nuiu ainda de um pé de profundidade, por falta de barcas próprias que o estejam escavando continuamente. A que existe é muito antiga e está sempre em reparação”.

Desembarcaram, segundo os apontamentos de D. Isabel, no Cais 22 de Novembro, nome que tomara em comemoração ao desembarque de D. Pedro II nesse dia de 1859. Era o antigo Cais do Colégio, pois à sua frente, onde hoje se ergue o Grande Hotel, estava o Colégio dos Jesuítas.

E prossegue, verificando o mesmo carinho popular da primeira viagem: “com dificuldade pudemos romper o povo que corria de todos os lados para nos ver e dar vivas”. E adiante: “Assim entramos na Igreja do Espírito Santo para ouvir missa — mas a missa só devia ter lugar ao meio-dia”. Era a primitiva igreja dos jesuítas, que ainda se ergue por trás do Grande Hotel. Fora dedicada inicialmente a Nossa Senhora do Ó e desde 1855 estava sob os cuidados da Irmandade do Espírito Santo.

No Palácio da Presidência várias pessoas os esperavam. “Lá estavam [enumera a Princesa no Diário] a Beberibe, Vila Bela, Baronesa de Cruangi, filha do Eufrásio, [informava ao Pai] seu conhecido do Rio Grande, Madame Sarmiento, o incansável Barão do Livramento, o Visconde de Suassuna, etc. etc.” De todos esses nomes, que dispensam comentários, merece registro o de Mme. Sarmiento, francesa, casada com o médico português de grande fama em seu tempo, naturalizado brasileiro, Dr. José Joaquim de Moraes Sarmiento.

Depois do almoço e da missa, que não tinham podido ouvir de manhã, prossegue a Princesa: “fomos a um copo d’água que nos ofereceu a Sociedade Comercial Beneficente na casa que lhe é própria e que está muito bonita. É uma velha casa que restauraram”. Aliás, Associação Comercial Beneficente, ainda existente. A bela casa visitada pela Princesa ficava no Cais da Lingüeta e foi documentada numa litografia de Schlapriz.

A volta para bordo foi também “no meio de muito aperto e vivas num cais que se acha mais abaixo do de 22 de Novembro e, rebocados pelo *Camaragibe*, viemos até a bordo do *Douro*”.

Na carta que escreveu a D. Pedro II no mesmo dia, anota: “Fomos, tanto aqui como na Bahia, muito bem e entusiasticamente recebidos”.

Certamente ainda estive no Recife a Princesa Isabel, de passagem nas suas demais viagens à Europa. Mas na correspondência com os Pais, fonte das informações aqui divulgadas, nada mais foi encontrado.

